



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Representações da identidade negra nas músicas do bloco afro Ilê Aiyê

Por: Edmilson de Sena Morais²⁸
edmorsaba@yahoo.com.br

Resumo

A identidade enquanto forma dos indivíduos se ver a si no mundo e estar no mundo, também, se dá na dinâmica da alteridade, afinal, somos por sua vez, aquilo que o(s) outro(s) vê(em) e percebe de nós. O ser humano enquanto constructo cultural se constitui enquanto indivíduo nas relações que se estabelecem entre si e seu grupo social, portanto, fruto de suas idiosincrasias. No contexto das relações sócio-histórico-culturais e interpessoais, os indivíduos elaboram representações de mundo, do outro e de si, a partir do seu grupo de origem e convívio. Nessa perspectiva, o presente artigo analisa as representações de mundo e da identidade negra presentes nas letras das canções do Bloco Afro Ilê Aiyê, sediado no bairro do Curuzu, cidade do Salvador-Ba. Para tanto foi utilizada a perspectiva da identidade cultural a partir dos Estudos Culturais (HALL, 1992, 2011; WOODWARD, 2000) e da teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 1998). Como corpus de pesquisa utilizamos as canções gravadas no CD Ilê Aiyê 25 ANOS e para análise documental, a Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (1977). O estudo possibilitou compreendermos como os sujeitos a partir de seus *ethos* constituem-se enquanto seres do/no mundo, seres-sendo, na medida em que se constituem enquanto tal, nas suas relações entre si e suas próprias leituras de mundo, construindo um conhecimento próprio e apropriado enquanto resultado das reflexões de si mesmo e do outro e da sua própria história, dando-lhes significado do mundo e das suas existências.

Palavras-chave: Linguagem. Cultura afrobrasileira. História. Resistência. Representação social.

Resumo

La identeco kiel formo individuoj vidas sin en la mondo kaj esti en la mondo, ankaŭ

28 Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, especialista em Metodologia do Ensino e Pesquisa pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, especialista em Teoria e Metodologia da História pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, graduação e licenciatura em História pela Universidade Católica de Salvador – UCSAL. É servidor público estadual, docente de magistério superior lotado na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, atuando no ensino de Letras vernáculas, Inglês. Atua na Linha de Pesquisa Cultura, História e Literatura. É co-autor do livro “Formação do professor: reinventando as práticas” (2012).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

okazas en la dinamiko de alterece, post ĉiu, ni estas laŭvice kion la alia(j) havas (estas) kaj perceptas nin. La homo kiel kultura konstruo estas konstituita kiel individuo en la rilatoj establitaj inter si kaj sia socia grupo, rezulto de ĝia aparta temperamento. En la kunteksto de sicia-historia-kultura kaj interhomaj rilatoj, individuoj ellaborita mondo de reprezentoj de la aliaj kaj sin, de ĝia grupo de origino kaj vivo. De tiu perspektivo, tiu artikolo analizas mondan reprezenton kaj nigra identeco ĉeestas en la lirika de afra kantaj Bloko Ille Aiye, bazita en la najbaraĵo de Curuzú, urbo de Salvador, Bahia. Por tio ni uzas la perspektivo de kultura identeco de la Kulturaj Studoj (HALL, 2011; 1992; WOODWARD, 2000) kaj la teorio de Socia Prezentoj (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 1998). Kiel esplora tekstaro uzi la kantoj gravuritaj pri KD Ille Aiye dudek kvin jaroj kaj dokumenta analizo, la analizo de enhavo perspektivo de Bardin (1977). La studo permesis al ni kompreni kiel la temoj de ĝiaj ethos estas supren dum la/ estaĵoj en la mondo, estante-estaĵoj, en kiu konstituas kiel tia en ĝiaj rilatoj kun unu la alia kaj ĝiaj propaj perceptoj de la mondo, konstrui konojn ĝusta kaj taŭga kiel rezulto de spegulbildoj de si mem kaj de aliaj kaj ĝiaj propa historio, donante ĝin signifon de la mondo kaj ĝiaj vivoj.

Ŝlosilovortoj: *Lingvo; Afrbrazila kulturo; Historio; Rezisteco; Socia subpremo.*

Abstract

The identity as a form of individuals see themselves in the world and be in the world, also, takes place in the dynamics of otherness, after all, we are what the other(s) sees and knows about us. The human being as a cultural construct and constituted as an individual in relationships that are established itself and its social group, therefore, the result of their idiosyncrasies. In the context of the socio-historical and cultural relations and interpersonal individuals produce representations of the other and the world from your source and conviviality. In this perspective, the present paper analyses the world representations and black identity in the lyrics of the songs of the Bloco Afro Ilê Aiyê, headquartered in the neighborhood of Curuzu from Salvador-Ba. For that were used the perspective of cultural identity from the Cultural Studies (HALL, 1992, 201; WOODWARD, 2000) and the theory of Social Representations (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 1998). For the research corpus we use the songs recorded in CD 25 YEARS of Ilê Aiyê, and for documentary analysis, the Content Analysis in the perspective of Bardin (1977). The study made it possible to understand how the subjects from its ethos are while beings of and in the world, beings-being, to the extent that they constitute as such in its relations between themselves and their reading of the world, constructing an own self-awareness



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

appropriate as a result of the reflections of themselves and the other, and their own history giving them meaning of the world and its existence.

Key words: *Language. Afrobrasilian culture. History. Resistance. Social Representation.*

Introdução

A questão da identidade nessa contemporaneidade ou modernidade tardia (HALL, 1992) deve-se ao fato da emergência de “novos sujeitos culturais” resultado da própria dinâmica histórica e sua dialética, o eterno vir a ser, e nesse sentido a transformação, pois tudo está em processo, e conseqüentemente os indivíduos em suas historicidades.

A identidade cultural na pós-modernidade, desafio à teoria social, passa a ser objeto de estudo e atenção devido às demandas que a alteridade impõe - a pluralidade cultural, as identidades e os sujeitos culturais, afirmando-se enquanto “seres-sendo”, “seres no mundo”, “seres no mundo com” (GALEFFI, 2001), interagindo entre si enquanto mônadas, pois “[...] cada ente é uma legítima representação do todo.” (BONNEAU, 2010, p.79).

A identidade negra nesse caso emerge desse processo, o sujeito negado historicamente enquanto ser no contexto das relações étnico-raciais, e sua inserção no *staus quo*, constituindo-se enquanto indivíduo-sujeito, expressão de uma cultura denegada e estigmatizada historicamente.

A assunção desses sujeitos acontece exatamente no momento em que eclodem os movimentos sociais negros – Negritude, no início do século passado e seus desdobramentos em todo o mundo, e no Brasil, em vários aspectos: desde a religiosidade, a música, a poesia, o teatro, a literatura.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Os estudos a respeito da história e da cultura africana e afrobrasileira passam a ser então referência para a (re)construção da identidade negra, forjada nas lutas de classes e contra o racismo. Assim, todo e qualquer estudo que provoque reflexões a respeito dessa questão contribuirá na formação de uma sociedade mais justa, desestigmatizada e menos desigual, formando cidadãos-sujeitos.

Esse estudo atende ao que preconiza a lei 10.639/03 quanto às ações afirmativas no sentido de valorizar a história, a cultura africana e afrobrasileira, rompendo com os eurocentrismos vigentes, que influenciam na autoafirmação da identidade das crianças e jovens negros. (SILVA, 2001).

É mais uma contribuição no que diz respeito à valorização dos repertórios africanos e afrobrasileiros, e o reconhecimento da história enquanto uma construção coletiva, com a participação dos mais diversos personagens, inclusive negros e demais segmentos historicamente denegados. Consequentemente contribuirá também a autoafirmação e autoestima dos jovens negros no contexto das relações étnico-raciais, e, principalmente, para a educação no processo de formação de educadores/professores.

O objetivo desse estudo é compreender como a identidade negra está representada nas letras das músicas do Bloco Afro Ilê Aiyê e quais os elementos constituidores dessa identidade.

Como fonte documental, utilizamos as letras das músicas gravadas no CD "Ilê Aiyê 25 ANOS" (1999) onde buscaremos perceber em suas composições, as percepções dos seus autores a respeito da identidade dentro de um contexto interativo-sócio-histórico-político-cultural, bem como suas visões de mundo, sociabilidades e valores sócio-estéticos, etnicamente construídos.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Este estudo está inserido no campo dos Estudos Culturais (HALL, 1992, 2011; WOODWARD, 2000) por trazerem no bojo das suas reflexões, questões que dizem respeito às diferenças étnicas, identidades culturais, relações raciais e de gênero, e dos processos de exclusão social, econômica e cultural de grandes extratos de populações historicamente apartadas dos bens socialmente produzidos no seio das nações hegemônicas, incluindo também, questões que envolvem os processos de descolonização das áreas geográficas submetidas ao imperialismo por longos séculos.

Além dos Estudos Culturais buscamos elementos do referencial teórico das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 1998), por se tratar de uma teoria que traz na sua perspectiva a proposta de identificar as formas pelas quais os sujeitos históricos constroem e resignificam suas ações, atitudes, conceitos, formas de ser e fazer, próprios da atividade humana no contexto histórico do qual fazem parte, inferindo valores, reflexões e abstrações num processo cognitivo de elaboração do conhecimento.

Como o objeto da pesquisa se configura na forma como se estabelece a construção da identidade, utilizaremos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), onde serão selecionados os termos e as expressões mais frequentes que emergem nas letras das musicas, nesse caso, a palavra.

Identidade: representações do modo de ser, ver, pensar, agir e estar no mundo

Os escritos sobre identidade nos revelam que, por conta das suas mais variadas manifestações, hoje, mais do que nunca, torna-se objeto de perscrutação dos cientistas sociais no intuito de entender como é construída e apropriada pelos atores sociais, e como se apresenta em seus contextos sócio-histórico-culturais.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Segundo Marco Aurélio Luz (2004, p.17), “o real fundamento das diversidades está na linguagem, nas diferentes formas de comunicação ou ainda de vinculação da sociedade caracterizada pelos valores, pelas instituições, territorialidade e temporalidade, sua razão de ser”. O homem enquanto ser social nasce e vive em uma sociedade, herda valores, princípios, formas de ser, ver, pensar, agir e estar no mundo, com o mundo.

Para Luz (2004, p.18), “Todo ser humano nasce e vive em sociedade. Desde a barriga da mãe o nascituro começa a receber sinais característicos e específicos do mundo em que viverá (...), o nascituro herdará o contexto histórico e civilizatório de seus ancestrais.” Portanto, segundo o autor, são “os sistemas de civilizações que constituem a variedade de culturas que estruturam as identidades e alteridades humanas.” (p.18).

O indivíduo, enquanto construção social, resultado dos valores e das relações intrínsecas da sociedade à qual pertence, interage na dinâmica das relações de produção, formas de agir, ser, viver e pensar o mundo, construir, morar, brincar, produzir símbolos, lutar, resistir, enfim, um sujeito histórico. Nessa perspectiva, “identidade é história, (...) e não há personagem fora da história, assim como não há história - ao menos história humana - sem personagens.” (CIAMPA, 2001, p.157).

Nesse sentido,

A identidade é entendida como um conjunto de repertórios de ação, de língua e de cultura que permite a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele. Isso não depende somente do nascimento ou das escolhas realizadas pelos sujeitos, pois no campo político das relações de poder, os grupos podem fornecer uma identidade aos indivíduos. (SANTOS, 2008, p.2).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A identidade se constrói exatamente nos interstícios de tensões entre o indivíduo, o meio social no qual vive e sob influências outras, exógenas ou endógenas, que constantemente estão interferindo nas suas subjetividades, constituindo seu ser, sua personalidade e sua individualidade. Ela se estabelece nessa relação dinâmica do fazer social, e está efetivamente condicionada aos próprios processos políticos e culturais nos quais os sujeitos estão envolvidos. Neste caso, ela se insere no “[...] ‘circuito da cultura’: aquele em que o foco se desloca dos sistemas de representação para as *identidades* produzidas por esses próprios sistemas.” (WOODWARD, 2000, p.17). Dessa forma, para Woodward, “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade [...]” (2000, p.18-19).

Os indivíduos, enquanto sujeitos culturais, “seres-sendo”, elaboram suas formas de ser, se ver, ver o outro e ver o mundo através de símbolos nas suas práticas coletivas, afetivas e nas suas relações de produção. Através desses aspectos, elaboram representações que dão significado à sua existência e a sua integração no grupo social ao qual pertencem, participando dos valores socialmente construídos.

A representação de um grupo ou indivíduos é fundamental para a construção ou desconstrução da(s) sua(s) identidade(s), autoestima e auto-conceito, uma vez que os indivíduos ou grupo podem perceber-se e conceitualizar-se a partir desse ‘real’ e internalizá-lo. (SILVA, 2001, p.12).

Desse modo,

[...] As representações incluem as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nossa experiência e à aquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir, por esses sistemas simbólicos, tornar possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (SILVA, 2001, p.17).

Neste caso, é no seio da cultura que os indivíduos estabelecem conexões com o mundo no qual vivem e se estruturam emocional e culturalmente, construindo assim suas identidades.

[...] A representação compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? o que eu sou? o que eu poderia ser? quem eu quero ser? os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (SILVA, 2001, p.17).

Sendo as identidades culturalmente construídas, as representações também o são, e estas fazem parte desse processo, concomitante e intrinsecamente relacionadas.

As representações sociais devem então ser entendidas,

[...] enquanto uma forma de pensamento social, cuja gênese, propriedades e funções devem ser relacionadas com os processos que afetam a vida e a comunidade sociais, com os mecanismos que ocorrem para a definição da identidade e especificidade dos sujeitos sociais, indivíduos ou grupos, bem como à energética que subsidia as relações que estes mantêm entre si. (JODELET apud ARRUDA, 1998, p.28).

As representações dessa forma têm o caráter de dar sentido à vida, ao mundo e à própria dos indivíduos que as elaboram para afirmarem-se no mundo enquanto sujeitos.

Segundo Moscovici (1978, p.25),

Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e de linguagens, porque ela realça e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

simboliza atos e situações que são do nosso uso e nos tornam comuns. Encarada de um modo passivo, ela é apreendida a título de reflexo, na consciência individual e coletiva, de um objeto, de um feixe de ideias que lhe são exteriores.

Nesse sentido, os atores sociais, na medida em que vivenciam suas experiências no dia a dia em seus devires, constroem suas representações de mundo e de existência, dando sentido as suas vidas, e ao vivenciá-las, dão significado a tudo que os cercam, ressignificando-os, dando-lhes sentido.

Identidade negra: uma construção político-cultural

As identidades apesar de serem distintas e de estarem interpenetradas, em algum momento ou lugar, manifestam-se de acordo com as circunstâncias, enquanto característica dos sujeitos culturais nos seus aspectos: étnico, social, racial, individual, político, cultural, enfim, nas mais diversas e inúmeras facetas que elas representam, mas, que constituem o indivíduo de uma forma geral.

Enquanto sujeito histórico, étnico e cultural, o negro, principalmente na diáspora africana, os afroamericanos, de uma forma geral nas Américas, (re)criaram a si e sua cultura, resultado das relações raciais imposta pela escravidão compulsória por mais de três séculos, e que, mesmo após a abolição da escravidão tiveram que enfrentar a discriminação e o preconceito, tanto social como racial, por conta da sua origem, cor e condição socioeconômica.

Afirmar-se enquanto sujeito foi sem dúvida, sua luta, desde o momento da sua captura, aprisionamento, confinamento, subalternização e subjugação (REDIKER, 2011), que jamais se submeteu enquanto propriedade e mão de obra escravizada da classe senhorial brasileira.

A resistência a esta condição, entre outros processos, como lutas, fugas, rebeliões, desobediência, negociações, simulações e dissimulações (REIS; SILVA,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1989), fizeram parte da sua coexistência no contexto do sistema escravista no sentido de posicionar-se enquanto ser, desde o tráfico aos dias de hoje, imprimindo sua cultura juntamente com a do branco, tornando-se dessa forma uma marca em todas as Américas.

Os processos de resistência do negro nas Américas configuraram-se das mais diferentes formas, resultado de resignificações de estratégias por eles utilizadas em África, fruto do contato com os invasores europeus, como o quilombo. (LEITE, 2000). Suas praticas religiosas e lúdicas - o candomblé, a capoeira, o samba de roda, afoxés, etc, preservadas até hoje, representam a forma como a cultura é um espaço de resistência, (re)significações e construção de identidades. (HALL, 2011). As identidades enquanto formas de ser, ver e estar no mundo são práticas culturais que emergem de uma cultura, compreendida,

[...] *tanto* como uma forma de vida - compreendendo ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder – *quanto* toda uma forma de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 1995, p.14).

Para Hall (apud Nelson; Treichler; Grossberg (1995, p.15) a identidade significa “o terreno real, sólido, das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade histórica específica, bem como as formas contraditórias de senso comum que se enraizaram na vida popular e ajudaram a moldá-la.”

No continuum processo de resistência à condição a si imposta pelo colonialismo europeu desde o século XV até a contemporaneidade, desde sua captura e traslado às Américas, foi incessante e constante a luta do negro pela liberdade, condição humana, social, cultural, política e histórica.

De Zumbí dos Palmares, a Licutan e Luiza Mahim (Revolta dos Malês), João de Deus, Lucas Dantas, Manuel Faustino e Luís Gonzaga das Virgens (Revolução dos Alfaiates) a Luis Gama, José do Patrocínio, Oliveira Silveira, Lélia Gonzales, Menininha do Gantois, Mãe Stela de Oxossi, Abdias do Nascimento e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tantos, tantos outros heróis e combatentes da opressão hegemônica branca eurocêntrica até os movimentos negros da década de 60 e 70, e a Lei 10.639/03, é um percurso significativo das lutas por cidadania e inclusão, por e de direito, pela sua participação na construção e sustentação desse país durante os quinhentos anos de história.

É nesse contexto, das lutas contra a ditadura militar no Brasil que surgem os movimentos negros, e, em Salvador, Bahia, no Bairro da Liberdade, a Associação Cultural Bloco Carnavalesco Bloco Ilê Aiyê que nasce com o “propósito de libertação e conscientização, construção de identidades, enaltecimento de autoestima negra, enfim, construção da cidadania e da pessoa negra.” (GUIMARÃES, 2001, p.2).

A sede do bloco então sediada no Terreiro Ilê Axé Jittolú, cuja Yalorixá, Mãe Hilda, é mãe de um dos idealizadores do bloco, Antonio Carlos dos Santos, conhecido por Vovô, hoje com sede própria, denominada “Senzala do Barro Preto”. Desenvolve projetos artísticos, culturais, sociais e educacionais como a instituição da “Escola Mãe Hilda”, do 1º ao 3º ano, e a “Escola de Percussão Banda Erê”.

Além dessas atividades, ao longo do ano, todos os sábados, a sede do bloco realiza seus ensaios, tornando-se um espaço cultural, não só para os moradores do bairro e adjacências, como de outras localidades do estado, do país e do mundo.

Anualmente, além do concurso da Beleza Negra, onde se escolhe a mais bela das negras que será a rainha do bloco durante o Carnaval, há também o festival de música quando são selecionadas as ganhadoras para o próximo carnaval.

Essas músicas, cujas letras são criações, não só de músicos profissionais como também de pessoas da comunidade, trazem em seus textos, elementos da sua cultura local, expressando sentimentos de pertencimento, enaltecendo suas histórias, seus heróis, ancestrais, religiosidade, cultura, lutas, estética, etc. “Num contexto global, a música é, para os negros, um símbolo afro-diaspórico que dispensa centro ou periferia, é um espaço de representação sem fronteiras.” (LIMA, 2002, p.12).

É através da linguagem musical que os blocos afros vão cantar a vida, a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

existência, os enfrentamentos diante do racismo e suas leituras de mundo a partir das suas referências étnico-histórico-culturais. Nesse sentido, a linguagem é “como um termo geral para as práticas de representação, sendo dada à linguagem uma posição privilegiada na construção e circulação do *significado*.” (HALL, 2001, p.9).

Por outro lado, a linguagem musical faz parte das representações de mundo dos indivíduos, e nesse sentido, não só as letras das músicas, mas, a própria música pode ser considerada enquanto discurso. (WERNEI, 2009, p.3). E sendo o discurso um lugar particular onde a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. (ORLANDI, 2005, p.10), as canções dos compositores negros enquanto discursos reafirmam suas identidades no contexto das diferenças, espaço da sua autoexpressão enquanto sujeito histórico-étnico-cultural. Portanto, é um texto político no qual se posiciona diante das desigualdades, da exclusão e da sua negação, onde se afirma uma identidade de resistência.

[...] criada por atores que se encontram em condições/posições sociais desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação. Seus elementos engendram formas de resistência e sobrevivência baseadas em princípios diferentes, ou mesmo, opostos àqueles que orientam as instituições da sociedade. Essa identidade, ainda de acordo com Castells, leva a formação de comunas, ou comunidades que estabelecem seus próprios mecanismos de resistência à dominação estrutural. Seja pelos fundamentalismos religiosos, étnicos, [...] criando mecanismos de resistência e sobrevivência frente aos princípios legitimadores da ordem hegemônica. (RIBEIRO, 2008, p.65).

Afinal, é na rua do Curuzu, no bairro da Liberdade em Salvador na década de 70, que ecoa para o mundo um movimento insólito de demonstração de pertencimento étnico-racial e de resistência, dentre outros, que naquele momento os negros fizeram emergir na capital baiana, como reação diante aos estigmas a si impostos secularmente, enquanto tentativa de denegar-lhes sua condição enquanto “seres-sendo”. Nesse sentido, o bairro da Liberdade caracteriza-se pela sua marca original, uma comunalidade por excelência, pois, é de lá que ressoa os repertórios



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

culturais e ancestrais pulsantes de vida nas veias de seus moradores²⁹. Afinal, “é no ritmo do tambor e no toque do agogô que as identidades se constroem.” (MENDES, 2008, p.11).

A música negra afrobaiana: linguagem de autoafirmação identitária

A musicalidade é intrínseca à própria dimensão da existência como um todo. O som, os ruídos, o sopro do vento, o canto dos pássaros, enfim, tudo isto faz parte do ambiente natural onde o homem vive, e nessa relação, passa a imitar esses sons através do assobio, batendo com as mãos nos mais variados suportes, e na fabricação de instrumentos percussivos que emitem sonoridades e ritmos.

A linguagem musical surge então dessa dinâmica, das formas próprias de existência de cada indivíduo no seu contexto sociocultural e nas suas relações de produção, dessa forma, marcando profundamente sua maneira de ser, ver, viver, pensar, agir e estar no mundo. “A música não apenas ‘fala’ a partir de uma inserção no mundo, mas ela é das poucas atividades integradoras numa sociedade [...] Ou seja, a função social da música enquanto linguagem de afirmação de uma coletividade.” (WEID, 2008, p.2).

Uma das praticas mais comuns durante as atividades de produção dos bens socialmente produzidos entre alguns povos durante a colheita ou trabalhos árduos é o canto, e no caso da escravidão negra na América do Norte as canções de trabalho, enquanto estratégia dos escravizados para atenuar as condições de vida,

29. Segundo Mendes (2004, p.4) [...] as populações afro-descendentes do Bairro da Liberdade promoveram uma verdadeira revolução cultural, fundando em seguida várias outras agremiações e núcleos de militância negra: o Muzenza e o Massamalu, em 1981; To Aqui África, em 1989; Oriobá, em 1991 – todos esses na categoria de blocos. Como afoxés, surgiram: Netos de Gandhi, em 1975 e o Olorum Babá Mi, em 1979. Foram também instalados vários núcleos da resistência negra, tais como: Movimento Negro Unificado (MNU), em 1991 e a criação do Grupo Folclórico do Colégio Estadual Duque de Caxias, em 1971.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

buscavam refúgio no imaginário. No caso do Brasil, os cantos de trabalho, assim chamados, eram os espaços ocupados pelos negros escravizados e livres onde se recrutavam sua mão de obra, onde, também eram comuns os batuques e folgedos.

As canções de trabalho ainda existem em muitas regiões do Brasil. Weid (2008) encontrou na Baixada Fluminense, no semiárido da Bahia e no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais essa manifestação musical. Segundo ele:

Esses trabalhadores comuns que têm o dom de serem cantadores e poetas/compositores são, no caso brasileiro, a caixa de ressonância de um povo e, por isso, são agentes fundamentais na reestruturação de uma comunidade, de um município, de um Estado. São atores sociais que têm a capacidade de aglutinar aqueles setores excluídos, 'falando' de seu cotidiano, de suas festas, de suas tradições. (2008, p.2).

Da mesma forma, as letras das músicas afro são repertórios de vozes que se quer ser, indivíduos que exaltam em suas canções representações de si e do mundo, a partir da sua história e cultura, no sentido de afirmar-se enquanto sujeito, buscando nas suas idiosincrasias, referenciais próprios de uma identidade étnico-racial.

Ao identificar as palavras e expressões mais frequentes presentes nas letras das músicas afro, percebemos a dimensão de pertencimento ao *ethos* Ilê Aiyê, enquanto espaço de pertencimento. A recorrência dessa palavra nas canções nos remete como esse espaço é significativo para os compositores. A tradução dessa expressão literalmente em iorubá é Ilê (casa) e Aiyê (a terra; o mundo visível), contudo, é traduzido livremente como "Mundo Negro"³⁰. Por conseguinte o bloco está sediado no próprio terreiro de candomblé Ilê Axé Jitolú, cuja Yalorixá, sacerdotiza-mãe, genitora do atual presidente.

30. Cf. Apostila Ilê Aiyê. Disponível em: <http://www.irdeb.ba.gov.br/tamboresdaliberdade/?p=1620>. Acesso. 08.12.2014.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Essas denominações refletem o sentido do *loccus* Ilê Aiyê que representa espaço agregador que é enquanto comunalidade. Referencia para todos no seu entorno – a própria Rua do Curuzú, onde está instalado, como o bairro da Liberdade, considerado o de maior contingente negro da capital e adjacências.

Expressões como: “Ilê é uma beleza”; “Ilê Aiyê, liberdade, expressão Bantu e viva da nossa Bahia”; “Ilê Aiyê Orin³¹”; “Ilê Aiyê, o povo Banto, ajudou a construir o Brasil”; “Deixe eu curtir o Ilê, o charme da Liberdade”, remetem sempre o espaço Ilê como representação de uma África, que apesar de distante espacialmente está sempre presente e resignificada, e ao se remeter à Bahia enquanto expressão viva da cultura Bantu.

A palavra liberdade aparece também com maior frequência, e ao mesmo tempo em que representa o Ilê enquanto espaço de liberdade da expressão africana com referencia aos Bantu, e também a condição de ser livre. Quando iniciada com letra maiúscula está se referindo ao bairro onde se encontra localizada a Rua do Curuzu, sede do bloco, portanto, é outra palavra bastante recorrente, afinal, é lá que está “a coisa mais de linda de se ver, é o Ilê Aiyê”.

Na canção *Os mais belos dos belos*, gravada por Daniela Mercury em 1992, dentre outras, o que lhe rendeu o disco de diamante, a própria letra, é mais uma exaltação ao Ilê, “o charme da Liberdade”. Além de autorrepresentar, o autor se afirma enquanto tal quando exclama que “o mais belo dos belos, sou eu, sou eu, bata no peito mais forte e diga eu sou Ilê.” A dimensão da representação da identidade através dessas estrofes enquanto discurso legitimador de si e da sua cultura denota um posicionamento político diante de uma cultura hegemônica branca segregadora, estigmatizadora. Portanto, “deixe eu curtir o Ilê, o charme da

31. Cantiga. Disponível em: <http://www.africanasraizes.com.br/yoruba.html>. Acesso: 08.12.2014.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Liberdade.”

A palavra Zumbi aparece por duas vezes numa canção intitulada *Décima-quinta sinfonia (Clamação a Zumbi)*. Na primeira estrofe:

Nesta décima quinta
Sinfonia de Zumbi,
Vamos clamar você
Negros unidos no Bloco Ilê Aiyê

Na segunda,

Grande guerreio Zumbí,
Eterno senhor de Palmares
Aqui está como você deixou
A Liberdade parece com a linha do Equador

Se o autor quis remeter sua canção à dimensão de uma sinfonia no mesmo contexto da décima sinfonia de Bethoven, considerada sua obra prima, isso será um enigma. Contudo, a exaltação àquele que representa o maior símbolo da luta pela liberdade e resistência ao opressor, o herói de Palmares, uma das maiores manifestações de contestação à escravidão nas Américas, demonstração da não subserviência ao branco.

Ao comparar o bairro da Liberdade à linha do Equador, estaria o autor se remetendo a uma linha imaginária divisora de dois mundos, o do branco e o do negro? O *apartheid* social, racial e residencial? Demarcando assim um território exclusivo enquanto lugar de suas representações e que lhe representa.

A canção finaliza com a seguinte estrofe:

Ilê Aiyê Baba Okê³²

32. É uma das qualidades de Oxalá, orixá dos montes. Disponível em: <http://www.vetorial.net/~rakaama/o-babaoke.html>. Acesso: 08.12.2014.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Axé³³ soba³⁴
 Ilê Aiyê Orin
 Orin Oxalá

Na primeira frase o autor se remete a um orixá da família de Oxalá (Baba Okê), também chamado de Orixalá, divindade da criação, que é o Oxalá Moço, denominado também de Oxaguiã, jovem-guerreiro, portanto, os de maior representação no panteão das divindades iorubanas. Na segunda frase, faz menção a Yemanjá (soba), mãe de todos os orixás, considerada esposa de Oxalá em alguns mitos. Na Nigéria deusa do rio Ogum, no Brasil, porém, senhora das águas salgadas, cultuada em toda costa brasileira. Ao evocá-la, o autor usa a palavra *axé*, que pode ser traduzida por amém, mas, que significa “força”, portanto, rogando graças a grande deusa-mãe.

A palavra *orin*, por sua vez, significa cantiga, canção, portanto, o compositor traduz o Ilê como canção, e finaliza exaltando o canto para Oxalá, deus supremo, exaltando dessa forma a divindade máxima do panteão iorubá.

Ao finalizar sua “Décima-quinta sinfonia”, o autor faz uma exaltação aos principais deuses do panteão iorubano, ancestrais, pais heráldicos desse povo, evocando suas bênçãos e graças, reverenciando-os pelas suas interseções em suas lutas e conquistas.

Na letra “Negrice cristal” (Viva o rei), gravada em 2003 no CD Cantos negros, composta para o carnaval de 1983, cujo tema foi Ghana Ashanti, o autor faz uma homenagem ao Rei Otumfuo Osei Tutu II Asantehene da monarquia Ashanti,

33. Expressão utilizada para passar força espiritual, podendo ser ainda, o mesmo que amém, assim seja. Disponível em: <https://axepandalaira.wordpress.com/>. Acesso: 08.12.2014.

34. Uma das qualidades de Yemanjá no Brasil. Disponível em: <https://axepandalaira.wordpress.com/s/>. Acesso: 08.12.2014.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

constitucionalmente protegida ainda hoje, um estado sub-nacional tradicional em Gana³⁵.

Viva o rei Osei Tutu
 Ashanti a cantar
 Salve o nosso rei Obá
 Viva o rei Osei Tutu
 Negrice cristal
 Liberdade, curuzu
 Tema Gana Ashanti
 Ilê vem apresentar
 Ashanti, povo negro
 Dessa rica região
 Gana império Gana
 Do ouro e do cacau
 Sudaneza, Alto Volta
 e África ocidental
 A influência Ashanti
 Se fazia sentir
 O Togo Daomé
 E a Costa do Marfim
 Viva o rei

Ao homenagear o Grande Império de Ghana, que, conjuntamente com o do Mali e Songai, serviram durante muito como anteparo ao avanço da expansão Árabe, *a jihad*, islamizando e alimentando o tráfico de escravos, provocou o deslocamento em massa de povos que habitavam a região subsaariana. (OLIVEIRA, 2003). O autor se refere também a riqueza desse império, grande produtor de ouro e cacau, apontando assim, a exuberância da economia e cultura africanas.

A constante referencia aos países, impérios antigos e atuais, personagens negros, a estética negra, os principais grupos linguísticos dos quais descendemos, é uma das marcas nessas canções enquanto discursos de

35.Cf. O império Ashanti. Disponível em: <http://ecoexperienciacomunitaria.blogspot.com.br/2013/02/o-imperio-ashanti.html>. Acesso em: 13.12.2014.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

autoafirmação de uma identidade imanente a uma África idealizada, berço das civilizações ancestrais, deslocadas compulsoriamente para além do Atlântico, contudo, resignificada, viva, presente ainda na memória como a canção “Heranças Bantos”:

Eu vim de lá
Aqui cheguei
Trabalho forçado
todo tempo acuado
sem ter a minha vez (Bis)

Dos grandes lagos
Região em que surgiu
Os Bancongos, os Bundos,
Balubas, Tongas, Xonas, Jagas Zulus
Civilização Bantu, que no Brasil concentrou
Vila São Vicente, canavial de presente,
Pau brasil, Salvador

Cada pedaço de chão,
cada pedra fincada,
um pedaço de mim
Ilê Aiyê
O povo Bantu ajudou
a construir o Brasil

Pedra sobre pedra
Sangue e suor no chão
agricultura floresce,
metalurgia aparece,
Candomblé, religião
Irmandade Boa Morte
Rosário dos Pretos, Zumbi lutador

Liderança firmada,
que apesar do tempo, o vento não levou
um legado na dança



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

influência no linguajar,
sincretismo na crença,
na culinária o bom paladar

Tristeza Palmares, Curuzu alegria,
Ilê Aiyê Liberdade Expressão Bantu
viva da nossa Bahia

A riqueza de representações da África e da cultura africana nessa canção se destaca das demais ao identificar alguns dos principais grupos étnicos bantus como os Bancongos, Bundos, Balubas, Tongas, Xonas, Jagas e Zulus enquanto povos que ajudaram a construir o Brasil.

É todo um legado africano que faz parte do nosso dia a dia que estão constantemente a exalar nos versos dessas canções. A contribuição do africano na economia, pelos conhecimentos que traziam consigo da agricultura, na metalurgia, na ouriversaria, na mineração, e, principalmente na religiosidade. Do candomblé às irmandades religiosas: Boa Morte, Rosário dos Pretos, dentre outras, enquanto lideranças responsáveis pela perpetuação dos valores civilizatórios africanos, suas tradições, no processo de formação da nossa identidade, preservando a deles.

Considerações finais

A perspectiva de se investigar a respeito de como sujeitos negros que fazem parte de um universo *suis generis* como o Bloco Afro Ilê Aiyê, *ethos* por excelência de uma autoafirmação identitária, de como se veem e se representam através das letras das suas canções enquanto repertório próprio e apropriado das suas visões e leituras de mundo, do mundo e no mundo, abre possibilidades de refletirmos a respeito de como essa identidade é (re)construída e como os mais diversos elementos da vida cotidiana desses indivíduos: história, religiosidade,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estética, ética e memória estão envolvidas nesse processo, o que sem dúvida, fazem parte dos repertórios dos sujeitos culturais que somam-se a outros tantos no contexto da diversidade e da alteridade, e faz com que nos aproximemos cada vez mais de uma ética da coexistência.

A emergência de um movimento como esse, enquanto uma revolução, de acordo com Mendes (2004), faz parte de um processo da própria condição humana – ser e star no mundo. Como um rastilho de pólvora no paiol, a década de 70 em Salvador representou o marco histórico sem precedentes na luta contra o *apartheid* sócio-econômico-cultural imposto aos afrodescendentes.

Como as identidades estão em constante (re)construção, afinal, são híbridas, estão em constante processo de reafirmação de acordo com os sujeitos em seus tempos e espaços próprios, portanto são históricas, estão num eterno vir a ser dos “seres-sendo” em suas historicidades.

Referências

ARRUDA, Â. “O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro – Negociando a diferença” *In*: ARRUDA, Â. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 17-46.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BONNEAU, C. “Leibniz e a Questão da Subjetividade” *In*: **Argumentos**, ano 2, n. 3, 2010. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/argumentos/article/viewFile/207/207>.

Acesso em: 13.10.2014.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GALEFFI, D. A. **O Ser-sendo da Filosofia**. Salvador: Edufba, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

_____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Disponível em:

http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf. Acesso em: 28.10.201



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- LEITE, I. B. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas** . Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, p. 333-354.
- GUIMARÃES, E. L. **A ação educativa do ilê aiyê: reafirmação de Compromissos, restabelecimento de princípios** . Disponível em: <http://24reuniao.anped.org.br/tp.htm>. 2001. Acesso: 03.11.2014.
- LIMA, A. **Funkeiros, timbaleiros e pagodeiros: notas sobre juventude e música negra na cidade de salvador**. Cad. Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 77-96. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 10.11.2014.
- LUZ, M. A. "Paraguaçu-caramurú: diversidade e conflitos de civilização" In: Publicação do Programa Descolonização e Educação (PRODESE). Salvador, 2004. n^o 7. **Sementes: caderno de pesquisa**. UNEB-EDUNEB. p.17-28.
- MENDES, B. de J. **Entre blocos afros e afoxés – Salvador/BA no último quartel do Séc. XX (Identidade e diferença na intersubjetividade)**. 2008. 305 fs. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-graduados em História Social da PUC/SP. São Paulo. 2008.
- _____. **NEGROS DA "LINHA 8" - Afro-descendência e construção de identidade, na Liberdade –Salvador/ Bahia**. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. CD-ROM.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise** . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NELSON, C.; TREICHLER, P. A.; GROSSBERG, L. "Estudos culturais: uma introdução" . In: SILVA, T. T. da (Org.) **Alienígenas em sala de aula** . Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- OLIVEIRA, D. E. de . **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente** . Fortaleza: LCR, 2003.
- ORLANDI, E.P. Michel "Pêcheux e a Análise de Discurso". In: FONSECA-SILVA, M. da C.; SANTOS, E. J. dos. (Orgs.) **Estudos da Língua(gem)** . Vitória da Conquista. n.1,p 9-13, junho/2005.
- RIBEIRO, R. A. da C. **Identidade e resistência no urbano: o quarteirão do soul em belo horizonte** . Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências. Belo Horizonte, 2008.
- REDIKER, M. **O navio negreiro: uma história humana** . Companhia das Letras: São Paulo, 2011.
- REIS, J. J.; SILVA, E. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista** . Companhia das Letras: São Paulo, 1989.
- SANTOS, Adalberto Silva. **Resistências culturais como estratégias de defesa da identidade** . Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14437-01.pdf>.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Acesso em: 08.12.2014.

SILVA, A. C. da. **As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes** . Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2001.

WERNEY, A. **Articulação entre melodia e prosódia na canção popular brasileira: uma análise de Retrato em branco e preto**. Revista **dEsEnrEdoS**. Teresina, Piauí. ano I, n. 2 set/out de 2009. Disponível em: http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/dEsEnrEdoS_2_-_artigo_-_Alfredo_Werney.pdf. Acesso. 08.12.2014.

WEID, B. von der. **A linguagem musical**. Disponível em: <http://www.blogacesso.com.br/?p=10>. Acesso: 28.10.2014.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz. T. da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** . Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. cap. 1, p.7-72.